



# Sobre a Tradição em Karl Popper

Será que uma Sociedade Aberta Popperiana precisa de uma base numa tradição partilhada?

**O** objectivo deste ensaio é de reflectir se uma Sociedade Aberta Popperiana precisa de uma base numa tradição partilhada. Antes de tudo, é importante analisar o conceito de Tradição que pode ser dividido em Tradições Sacrossantas e Tradições Racionais. Se as primeiras são normalmente encontradas em Sociedades Fechadas e são caracterizadas por uma atitude de tabu, sendo estáticas e legitimadas por



POR  
**Catarina Leão**

Aluna do novo Master of Arts em Governance, Leadership and Democracy Studies

Deus ou Leis Naturais superiores, as segundas estão sujeitas à mudança e, com o tempo, elas são vistas como já não sendo desejáveis dentro de uma determinada sociedade. Uma vez que a So-

ciiedade Aberta é caracterizada por uma atitude crítica que fomenta um processo de aperfeiçoamento contínuo das suas tradições e teorias, então poder-se-ia concluir que, se há uma tradição partilhada que fundamenta este tipo de sociedade, esta deve ser do tipo Racional. Assim sendo, as Tradições Sacrossantas seriam incompatíveis com a Sociedade Aberta Popperiana. A tradição Racional partilhada oferece, por um lado, o ponto de partida sobre o qual a crítica pode ser construída e, por outro lado, os padrões – que são partilhados pelos membros da sociedade – para o processo de refutação da tradição ou da teoria que, se não existisse, tornaria a crítica redundante e as teorias relativas. Finalmente, a resposta à pergunta que é aqui colocada é dual: se for uma Tradição Sacrossanta partilhada, então a resposta é negativa; se, pelo contrário, for uma Tradição Racional partilhada, então a Sociedade Aberta Popperiana requer, de facto, uma base numa tradição partilhada.

## O CONCEITO DE SOCIEDADE ABERTA E O CONCEITO DE TRADIÇÃO

Antes de analisarmos se uma Sociedade Aberta Popperiana precisa ou não de uma base numa tradição partilhada, é importante examinarmos mais atentamente os conceitos de Sociedade Aberta e de Tradição.

Uma Sociedade Aberta pode ser caracterizada por uma atitude de *dualismo crítico*, uma que reivindica que “as normas e as leis normativas podem ser feitas e mudadas pelo homem, mais especificamente por uma decisão ou convenção que decide cumpri-las ou alterá-las, e que é portanto o homem que é moralmente responsável por elas. Ele talvez não seja responsável pelas normas já existentes que ele encontra na sociedade quando ele começa a reflectir sobre elas, mas sim por aquelas que ele está preparado a tolerar quando ele percebe que ele pode fazer qualquer coisa para as alterar. As normas são uma ficção humana no sentido onde não podemos culpar ninguém se não nós próprios por elas; nem a natureza, nem Deus. É a nossa função melhorá-las tanto quanto possamos se nós acharmos que elas são censuráveis.”<sup>1</sup> Uma Sociedade Aberta é portanto distinguida na possibilidade

que têm os seus membros de activamente perseguir um pensamento crítico. É uma sociedade ‘aberta’ à crítica. Não existem normas divinas ou naturais isentas de crítica e da possibilidade de serem alteradas com o tempo se elas acabarem por já não cumprir as suas funções. O Homem tem, portanto, a responsabilidade total pelas regras que ele adopta dentro da Sociedade Aberta, dado que não está disposto a aceitar cegamente normas somente porque elas teriam uma origem divina ou natural; o homem “aprendeu, em certa medida, a ser crítico dos tabus e em basear as suas decisões na autoridade da sua própria inteligência (após serem discutidas).”<sup>2</sup>

Tradição pode ser definida como “um padrão de pensamento, acção ou comportamento (como uma prática religiosa ou um costume social) que é herdado, esta-belecido ou costumeiro” e “uma crença, história ou conjunto de crenças ou histórias que estão relacionadas com o passado e que são geralmente aceites como históricas apesar de não serem verificáveis”<sup>3</sup>. Surgem duas questões importantes quando pon-deramos a hipótese de uma tradição partilhada na base da Sociedade Aberta Pop-periana.

A primeira questão a tradição partilhada é ou não estática. Será que se deve ver uma tradição e, mais particularmente, uma tradição partilhada como sendo ou devendo ser estática? Ou será que ela deve mudar com o tempo? A segunda questão tem a ver com a legitimidade de uma tradição partilhada. Quem ou o quê, leva os membros de uma Sociedade Aberta em reconhecer e aceitar a tradição partilhada como tal. Estas questões vão ser abordadas na próxima secção.

## A NATUREZA DA TRADIÇÃO: TRADIÇÕES SAGRADAS E TRADIÇÕES RACIONAIS

Imaginemos uma sociedade onde os seus membros “raramente [se] encontrariam na posição de duvidar do modo como [eles] devem agir. A maneira correcta está sempre determinada... Baseada na tradição colectiva tribal, as instituições não deixam margem para a responsabilidade pessoal. Os tabus que estabelecem algum tipo

de responsabilidade grupal podem ser os precursores do que nós chamamos responsabilidade pessoal, mas ambos são fundamentalmente diferentes. Eles não são baseados sobre um princípio de responsabilidade razoável, mas sim sobre ideias mágicas, como a ideia de satisfazer os poderes do des-



## Uma Sociedade Aberta é portanto distinguida na possibilidade que têm os seus membros de activamente perseguir um pensamento crítico. É uma sociedade ‘aberta’ à crítica

tinio.”<sup>4</sup> Nessa sociedade, a Sociedade Fechada, as tradições são consideradas “sacrossantas ou valiosas em si mesmas”<sup>5</sup>, dado que não são susceptíveis de reflexão racional que possa levar à sua alteração. As tradições, tais como são descritas numa Sociedade Fechada, são o produto de “um sonho de unidade, beleza e perfeição”<sup>6</sup> e do medo da mudança e da imprevisibilidade que leva ao sacrifício das decisões individuais em nome de um pro-pósito colectivo superior. O indivíduo deve a sua razão à sociedade, ao colectivo que é “o verdadeiro veículo de todos os valores”<sup>7</sup>. Alienado do colectivo, o indivíduo é nada. Sendo que essas tradições existem em simbiose com o credo do colectivo, o elemento da intolerância entra quando essas são postas em causa. Questionar essas tradições é portanto questionar a sociedade à qual eu devo a minha existência racional. Pode-se relacionar estes conceitos com a visão Oakeshottiana da política de uniformidade que leva à política de intolerância sendo que só há uma

maneira de agir – o respeito pela tradição – que é portanto a melhor maneira. Igualmente, numa Sociedade Fechada, tudo é político de tal modo que a vontade do indivíduo está necessariamente fundida com a vontade do colectivo.

Para responder às duas últimas perguntas, pode-se dizer que as tradições tais como foram caracterizadas em cima são estáticas. Elas não são susceptíveis de mudança com o tempo sendo que “elas não são baseadas numa tentativa racional de melhorar as condições sociais”<sup>9</sup>. Em relação à legitimação das tradições, elas são certificadas pelo colectivo. Normalmente, esse colectivo está dotado da aprovação de Deus ou vê-se a si mesmo como o verdadeiro seguidor das leis naturais. O colectivo incentiva, portanto, um sentimento nacionalista que lhe dá legitimidade para elevar-se acima da multidão de vontades dos membros da sociedade. A vontade geral de Rousseau<sup>10</sup> pode ser vista como uma expressão desta vontade colectiva que é mais legítima do que a soma das vontades individuais. Portanto, e pela graça de Deus ou da Natureza, o colectivo torna-se o executor canónico das normas.

Essas Tradições Sacrossantas, típicas da Sociedade Fechada, podem ser distinguidas de outras tradições com uma natureza diferente. K. Popper argumenta a favor de tradições de tolerância que pretendem “substituir uma atitude de tabu por uma que preza criticamente as tradições existentes, pesando os seus méritos contra os seus deméritos, e nunca esquecer o mérito que se encontra no facto de que são tradições estabelecidas. Em última análise, se as rejeitarmos, para que as possamos substituir por melhores (ou pelo aquilo que acreditamos que sejam as melhores)”<sup>11</sup>. Observe-se que a postura de tabu é aquela descrita em cima, da aceitação das tradições sacrossantas sem uma atitude crítica. As tradições devem, portanto, serem encaradas com uma abordagem crítica e céptica e não devem ser continuamente adoptadas se já não forem desejáveis. Os membros da sociedade devem estar aptos a “contribuir para o crescimento ou supressão destas tradições”<sup>12</sup>. Para alcançar esta razão é empregue, não só para nos lembrarmos constantemente das nossas (e de toda a gente) limitações, enquanto



um exercício de honestidade intelectual, mas também participar na “*arte de es- cutar a crítica*”<sup>13</sup> e no debate de ideias.

### O PARADOXO DAS TRADIÇÕES

Se uma Sociedade Aberta Popperiana se basear numa tradição partilhada, poderíamos então questionar que tradição seria essa.

Como já vimos, ao conceito de Sociedade Aberta está apenso à ideia de crítica contínua e debate de ideias pelos seus membros. As tradições sacrossantas e a postura de tabu, por serem ausentes desta propriedade, dificilmente poderão ser base para uma tradição partilhada dentro de uma Sociedade Aberta. Se tal se verificasse, a Sociedade Aberta deixaria de ser ‘Aberta’ e tornar-se-ia ‘Fechada’, dado que ficaria ‘fechada’ à crítica ao nível do seu conjunto subjacente de tradições que são um componente essencial de qualquer sociedade. Deste modo, só é seguro assumir se uma Sociedade Aberta necessitar de base numa tradição partilhada, esta terá de ser do tipo racional, que impede a crítica de se ‘fechar’ sobre si mesma num estado de inércia, no qual as ideias previamente aceites prevalecem.

Nesta fase, seria interessante relem-



### **Numa Sociedade Fechada, tudo é político de tal modo que a vontade do indivíduo está necessariamente fundida com a vontade do colectivo**

brar as questões postas na primeira secção deste ensaio, e respondê-las agora tendo em conta as Tradições que são do tipo racional: deverá uma tradição partilhada ser ou não ser estática ao longo do tempo, e quem ou quê legitima a tradição partilhada posta desta maneira.

A questão da legitimidade da tradição racional partilhada está ligada à ideia de responsabilidade. Uma tradição partilhada somente é considerada neste caso, se o homem decidir racionalmen-

te, baseado na sua experiência e vontade, a adopta-la como ela é. A fonte da legitimidade das tradições racionais não provém de Deus ou de quaisquer Leis Naturais que capacita um colectivo nacionalista, mas sim do reconhecimento de uma “*responsabilidade pessoal e racional*”<sup>14</sup>.

Quanto à questão sobre se as tradições partilhadas devem ou não ser estáticas, é mais difícil de discursar sobre esta, dado que contém um paradoxo: se uma tradição racional tornar-se absolutamente estática, sem alterações ao longo do tempo, ela cairá na categoria de uma tradição sacrossanta, devido à ausência de uma crítica contínua; se ela se alterar demasiado rápido ela deixa de ser uma tradição. Qual será então, o grau ideal de quietude para uma tradição racional? Para respondermos a esta questão, é importante considerar que uma tradição raramente pode ser absolutamente estática ao longo do tempo enquanto permanece aberta ao debate de ideias que caracteriza a Sociedade Aberta. Como Burke afirma, “*temos que reformar, de modo a conservar*”<sup>15</sup>. Quando nos referimos a uma atitude Tradicionalista de conservadores, alguns autores como S. Huntington observam que “*a ideologia conservador é produto de um intenso conflito ideológico e social. Aparece somente quando os desafidores das instituições estabelecidas rejeitam os fundamentos da teoria ideológica que as moldaram e criaram.*”<sup>16</sup> Mesmo em termos estritamente conservadores, as tradições são supostas de se alterarem ao longo do tempo, dado que se vão tornando indesejáveis numa dada sociedade. Quão mutável poderá ser uma tradição racional partilhada numa Sociedade Aberta?

Hoje em dia, vivemos num mundo de informação e globalização, que a mudança nunca foi tão rápida. A troca e debate de ideias nunca é agora mais fácil e rápido, semelhante a uma Sociedade Aberta Popperiana ‘eficiente’. Com base nisso, um poderia questionar se há uma necessidade de uma tradição partilhada numa Sociedade Aberta em que se substitui velhas ideias por outras melhores a um passo galopante.

Deve-se tomar conta que a tradição dificilmente pode ser substituída tão rapidamente por uma melhor que fizesse perder as suas propriedade essenciais.

Neste caso, é provavelmente irrealista considerar que poderíamos viver numa sociedade que muda tão rapidamente que sufoca qualquer tradição, dado que está desconexa da nossa natureza humana. K. Popper argumenta que “*Eu não penso que alguma vez poderemos viver livres dos vínculos da tradição. A tão chamada libertação [de uma tradição antiga] é somente a mudança de uma tradição para outra.*”<sup>17</sup> Uma Sociedade Aberta, portanto, precisaria necessariamente de tradições, uma vez que elas constituem uma traço característico das sociedades humanas. K. Popper também identificou o conceito de *nostalgia pela sociedade fechada que é uma tensão da civilização, dentro de sociedades abertas, devido ao “esforço no qual a vida numa sociedade parcialmente aberta e abstrata exige continuamente de nós – pelo esforço de ser racional, para esquecer pelo menos de algumas necessidades emocionais sociais, para cui-darmos de nós próprios, e para aceitar responsabilidades... É o preço que temos de pagar por sermos humanos*”<sup>18</sup>. Tendo isto em consideração, e voltando à problemática do grau de mutação que uma tradição partilhada pode ter numa Sociedade Aberta, poderemos asseverar que não poderá mutável ao ponto de poder as suas propriedades essenciais. Uma tradição tem de permanecer uma tradição numa Sociedade Aberta, sendo, contudo, objecto de mudança. A resposta existe algures entre a quietude absoluta e a impetuosidade. Possivelmente a resposta só poderá ser encontrada tácita e empiricamente e não através de um estudo exaustivo sobre o que é uma tradição e o que pode uma Sociedade Aberta englobar – uma atitude plausível de experimentação na qual tradições devem permanecer e que devem ser mudadas, é provavelmente a melhor resposta a esta questão.

Considerando o que foi dito, pode-

remos concluir que uma tradição partilhada – do tipo racional – tem, portanto, condições para subsistir numa Sociedade Aberta Pop-periana. Uma questão diferente é se a Sociedade Aberta requer-a.

### O FORMATO DE UMA TRADIÇÃO PARTILHADA NUMA SOCIEDADE ABERTA POP-PERIANA

Se tivéssemos de apagar todo o conhecimento existente numa Sociedade Aberta, fazer tábua rasa para conseguirmos partir do zero, nós não conseguiríamos entrar num debate crítico. Na sua génese, a sociedade em branco não poderá conter mais do que as primeiras ideias que apareceriam depois da tábua rasa. Essas primeiras ideias não poderiam ser alvo de crítica sendo que ainda não haveriam alternativas formuladas, excluindo portanto a possibilidade de serem refutadas racionalmente. Só depois das segundas e terceiras ideias aparecerem é que o indivíduo racional poderia questioná-las sendo que só aí é que ele adquiriria os padrões para medir a sua adequação. Portanto, uma tradição partilhada parece necessária na base da Sociedade Aberta, na medida em que as tradições partilhadas constituem o padrão de formação das novas tradições. A ideia de aperfeiçoamento não poderá existir sem haver um objecto para melhorar, como a ideia de tradição que muda ao longo do tempo, por via do debate crítico, não pode existir sem a existência de uma tradição partilhada que possa ser criticada e mudada. K. Popper afirmou que “*nós deveríamos sempre ficar conscientes do facto que todas as críticas sociais e todos os melhoramentos sociais devem-se referir a um quadro de tradições sociais, nas quais algumas são criticadas com a ajuda de outras, assim como todos os*

*progressos na ciência devem decorrer dentro de um quadro de teorias científicas, algumas das quais devem ser criticadas à luz de outras.*”<sup>19</sup>

É importante notar que esta tradição deve ser partilhada pelos membros da sociedade, ou então o processo de aperfeiçoamento não teria padrões e tornaria-se redundante. Cada pessoa estaria então livre de mudar a sua própria tradição como desejasse, caindo então no problema, já referido, da mudança excessiva de tradições que, como já vimos, é incompatível com a própria natureza humana. Ademais, se as tradições não forem partilhadas, elas vão se tornar rituais pessoais e o aperfeiçoamento vai se tornar redundante, sendo que as mudanças só iriam constituir uma melhoria para a pessoa que a trouxe ou para um grupo muito reduzido que concorda com a mudança. Sem uma tradição partilhada, a sociedade torna-se uma arena de disputa de teorias onde ninguém tem razão e ninguém está errado, o que incentiva o relativismo.

Consequentemente, de maneira a sustentar a postura crítica que caracteriza a Sociedade Aberta, uma tradição partilhada é necessária não só porque constitui o objecto de contínuo aperfeiçoamento – a expressão de Isaac Newton “Se vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes” é extremamente adequada para este processo de contínuo desenvolvimento baseado sobre tradições mais antigas – mas também por ser partilhada, a tradição torna-se o padrão a partir do qual esses aperfeiçoamentos vão ter lugar. Ela define os padrões de aperfeiçoamento na aproximação da verdade e não deixa o relativismo reinar.

Finalmente, se alguém tentar identificar uma única tradição partilhada sobre a qual a Sociedade Aberta Popperiana é baseada, essa seria a tradição da crítica dual. Sem essa tradição, o conceito de Sociedade Aberta Popperiana seria dissipada e a “abertura à crítica” desapareceria, fazendo com que a sociedade perca a sua propriedade essencial, como Sociedade Aberta, à crítica por parte de todos os seus membros.

### OBSERVAÇÕES FINAIS

A resposta à questão se uma Sociedade Aberta Popperiana requer base numa



**Uma tradição tem de permanecer uma tradição numa Sociedade Aberta, sendo, contudo, objecto de mudança. A resposta existe algures entre a quietude absoluta e a impetuosidade**

tradição partilhada é dual: ela depende na nossa atitude de confrontar a tradição em questão. Se considerarmos a tradição sacrossanta caracterizada pelo tabu, pela aceitação de uma ordem estática ditada pela vontade de um Colectivo superior e místico, então a resposta à resposta é não. A Sociedade Aberta não requer credos divinos estáticos nas suas raízes. Além disso, um credo iria inevitavelmente ir contra a natureza da Sociedade Aberta, em que as tradições deveriam estar abertas à mudança ao se tornarem indesejáveis numa dada sociedade.

Alguns autores argumentariam que numa Sociedade Aberta se requeria uma tradição partilhada de algum modo, argumentado que se basearia numa fé num motivo racional. Embora não haja garantia que a razão crítica seja considerada a melhor abordagem, a melhor moldura para estabelecer um conjunto de tradições dentro de uma sociedade, isto é, 'fé na razão' é diametralmente oposta do género de fé presente na aceitação das tradições sacrossantas. Esta última, pressupõe irracionalidade, dado que as tradições sacrossantas são seguidas cegamente. Responsabilidade, power de decisão e exercício da razão são absorvidas do indivíduo e canalizadas para um corpo colectivo que responde em nome de cada indivíduo. Privado de racionalidade, os indivíduos seguem as tradições sacrossantas com fé no estatuto superior do corpo colectivo como o mais alto representante da sociedade e da sua vontade. Em contraste, algo que alguns chamam de 'fé no motivo racional' não pode ser considerado uma 'fé', do mesmo género, dado que esta é uma fé racional. Uma postura crítica quanto a tudo numa Sociedade Aberta e particularmente quanto a tradições, deve ser a escolha racional e consciente adoptada porque é a atitude menos lesiva. Não é conduzida pela paixão nem pelo medo, mas pelo credo racional que uma poderá melhorar a sua condição ao longo do tempo e minimizar os erros que tendem a acontecer de tempos em tempos porque eles são naturais para nós humanos.

Se por um lado, poderemos considerar que uma tradição partilhada é do tipo racional, sendo sujeita a debate e mudança, a resposta à questão é sim. De maneira empregar a razão crítica, a So-

iedade Aberta requer tanto um objecto para criticar - dado pelas tradições existentes que são sujeitas à alteração - e, por outro lado, padrões de acordo com os quais possamos colectivamente validar as críticas, tornando-se ideias

refutadas (ou tradições) mas também dos pontos de partida, dos quais novas tradições, teorias e ideias poderão emergir, num processo contínuo de aproximação da verdade e de minimização dos males. ■

## NOTAS

<sup>1</sup> Popper, K. R. (1966). *The Open Society and Its Enemies: Vol. 1*. London: Routledge & Kegan Paul. [62]

<sup>2</sup> Popper, K. R. (1966). *The Open Society and Its Enemies: Vol. 1*. London: Routledge & Kegan Paul. [216]

<sup>3</sup> Tradition [Def. 1]. In Merriam-Webster Online. Retrieved November 2013, from <http://www.merriam-webster.com/dictionary/tradition>.

<sup>4</sup> Popper, K. R. (1966). *The Open Society and Its Enemies: Vol. 1*. London: Routledge & Kegan Paul. [185]

<sup>5</sup> Popper, K. R. (1966). *The Open Society and Its Enemies: Vol. 2*. London: Routledge & Kegan Paul. [251]

<sup>6</sup> Popper, K. R. (1966). *The Open Society and Its Enemies: Vol. 1*. London: Routledge & Kegan Paul. [213]

<sup>7</sup> Popper, K. R. (1966). *The Open Society and Its Enemies: Vol. 2*. London: Routledge & Kegan Paul. [250]

<sup>8</sup> Oakeshott, M. (1962). *Rationalism in Politics and Other Essays*. New York: Basic Books Pub. Co.

<sup>9</sup> Popper, K. R. (1966). *The Open Society and Its Enemies: Vol. 1*. London: Routledge & Kegan Paul. [185]

<sup>10</sup> Rousseau, J.-J. (1968). *The Social Contract*. Harmondsworth: Penguin.

<sup>11</sup> Popper, K. R. (1963). *Towards a Rational*

*Theory of Tradition*. In *Conjectures and Refutations: The Growth of Scientific Knowledge* [161-182]. London: Routledge.

<sup>12</sup> Popper, K. R. (1966). *The Open Society and Its Enemies: Vol. 2*. London: Routledge & Kegan Paul. [251]

<sup>13</sup> Popper, K. R. (1966). *The Open Society and Its Enemies: Vol. 2*. London: Routledge & Kegan Paul. [251]

<sup>14</sup> Popper, K. R. (1966). *The Open Society and Its Enemies: Vol. 1*. London: Routledge & Kegan Paul. [186]

<sup>15</sup> Scruton, R. (2013, February 21). *Postmodern Tories: What does the Conservative Party believe any more?* Retrieved from Prospect Magazine: [http://www.prospectmagazine.co.uk/magazine/conservatism-tories-roger-scruton/#.UnETv\\_m-2Sp](http://www.prospectmagazine.co.uk/magazine/conservatism-tories-roger-scruton/#.UnETv_m-2Sp)

<sup>16</sup> Huntington, S. (1956). *Conservatism as an Ideology*. Indianapolis, IN: Bobbs-Merrill.

<sup>17</sup> Popper, K. R. (1963). *Towards a Rational Theory of Tradition*. In *Conjectures and Refutations: The Growth of Scientific Knowledge* [161-182]. London: Routledge.

<sup>18</sup> Popper, K. R. (1966). *The Open Society and Its Enemies: Vol. 1*. London: Routledge & Kegan Paul. [189]

<sup>19</sup> Popper, K. R. (1963). *Towards a Rational Theory of Tradition*. In *Conjectures and Refutations: The Growth of Scientific Knowledge* [161-182]. London: Routledge.

## GUIA DE LEITURAS

• Huntington, S. (1956). *Conservatism as an Ideology*. Indianapolis, IN: Bobbs-Merrill.

• Oakeshott, M. (1962). *Rationalism in Politics and Other Essays*. New York: Basic Books Pub. Co.

• Popper, K. R. (1966). *The Open Society and Its Enemies: Vol. 1*. London: Routledge & Kegan Paul.

• Popper, K. R. (1966). *The Open Society and Its Enemies: Vol. 2*. London: Routledge & Kegan Paul.

• Popper, K. R. (1963). *Towards a Rational Theory of Tradition*. In *Conjectures and Refutations: The Growth of Scientific Knowledge* [161-182]. London: Routledge.

• Rousseau, J.-J. (1968). *The Social Contract*. Harmondsworth: Penguin.

• Scruton, R. (2013, February 21). *Postmodern Tories: What does the Conservative Party believe any more?* Retrieved from Prospect Magazine: [http://www.prospectmagazine.co.uk/magazine/conservatism-tories-roger-scruton/#.UnETv\\_m-2Sp](http://www.prospectmagazine.co.uk/magazine/conservatism-tories-roger-scruton/#.UnETv_m-2Sp)

• Tradition [Def. 1]. In Merriam-Webster Online. Retrieved November 2013. From <http://www.merriam-webster.com/dictionary/tradition>.

• Todas as passagens são de tradução livre da autora.